

ANDRÉ SINGER

OS SENTIDOS DO  
**LULISMO**

REFORMA GRADUAL E PACTO CONSERVADOR

---

COMPANHIA DAS LETRAS



# Os Sentidos do Lulismo

## Reforma Gradual e Pacto Conservador

Antônio David

*Os Sentidos do Lulismo* é um livro ímpar. Todo aquele que almeja entender não apenas a experiência singular do governo Lula na última década, mas o próprio Brasil em seus dilemas históricos e estruturais mais profundos, deve ler esse livro. Seu grande mérito está menos nas respostas que oferece do que nas perguntas e hipóteses que introduz. Não é uma obra para se concordar ou discordar, mas para se refletir, para sair do lugar comum.

Todo o esforço de André Singer consiste em evidenciar a enorme complexidade da conjuntura aberta pela eleição de Lula. Trata-se de esmiuçar o caráter profundamente ambíguo do lulismo, inclusive nas possibilidades – também contraditórias – que ele abre, e que seguem em aberto. “O lulismo existe sob o signo da contradição” – eis a primeira linha do livro, cujo objetivo é escavar, na economia, na sociedade, na política e na cultura, a origem e a natureza da contradição.

Nesse sentido, chama a atenção o contraste entre a abordagem presente nesse livro e certo senso comum sobre os governos Lula e Dilma. Daí porque, apesar de antagonistas, adesistas e opositoristas igualmente não lerão *Os Sentidos do Lulismo* com agrado – a não ser que se desarmem. Não se trata de um livro para nele buscar a confirmação daquilo que de antemão se pensa, para reforçar aquilo que já se sabe. Para ser compreendido, *Os Sentidos do Lulismo* exige do leitor certa atitude de distanciamento, de duvidar, querer entender.

O livro contém ideias polêmicas, a começar pelo emprego do conceito de *subproletariado*, central nas reflexões que propõe, e que tem sido alvo de objeções e críticas desde que foi lançado. Amparando-se

em Marx e em autores clássicos do pensamento brasileiro (em particular Caio Prado Jr, Celso Furtado e Paul Singer), André Singer parte de uma constatação de natureza sociológica e demográfica: existiria, no seio da classe trabalhadora brasileira, uma *fração de classe*.

O subproletariado corresponderia à *grande maioria* da população, estaria concentrado no Norte e Nordeste – mas também nas periferias e rincões do Centro-Sul – e consistiria numa massa (portanto, não uma classe para si) vivendo em condições de miséria e pobreza: os sem-terra, os sem-teto, as empregadas domésticas, os bóias-frias, os ambulantes, os vendedores de água do semáforo, muito dos que vivem em favelas em grandes centros urbanos, ou nos rincões do Brasil, em uma palavra, os pobres e miseráveis.

Apesar de serem trabalhadores – portanto, não se trata de lumpen-proletariado, pois não são marginais, mas trabalhadores – sua situação de classe é muito distante da situação do operário com carteira assinada, sindicalizado, com direito a férias, PLR etc. A diferença entre um e outro não é apenas econômica; é também cultural, ideológica e política.

O ponto é que, *por força de sua situação de extrema vulnerabilidade econômica, por ser o elo mais fraco da cadeia do trabalho*, o subproletariado, não obstante ansiar por mudanças, apresentaria um traço conservador: uma contundente rejeição à radicalização política. Tal tese – qual seja, de que o subproletariado anseia por mudanças dentro da ordem – é amparada com base em estudos eleitorais e de opinião pública feitos no decorrer de vários anos.

Por suas características, e diferentemente do proletariado, o subproletariado não participaria da luta de classes – a começar pelo fato de não ser organizado, salvo raras exceções, das quais a mais expressiva é o MST –, mas, pelo seu tamanho, e porque estamos numa democracia representativa, essa fração de classe exerce influência decisiva na luta de classes. Em uma palavra, o subproletariado define a eleição.

O subproletariado é o retrato de um dilema histórico. É na escravidão que estaria a própria origem dessa fração. E a noção do *passado que persiste*, tão bem desenvolvida por Caio Prado Jr., reaparece em *Os Sentidos do Lulismo* na forma do *atraso histórico*, atraso expresso na própria existência dessa fração e na relação das outras classes – em particular a burguesia e a classe média – com o subproletariado.

E o que seria o “lulismo”? Se o subproletariado não se organiza por razões estruturais, o lulismo aparece como um rearranjo do bloco no poder, marcado pela conciliação de interesses entre capital e trabalho – portanto, em torno de um projeto contraditório –, mas com uma peculiaridade:

à maneira bonapartista, o lulismo teria organizado o subproletariado. É a pessoa de Lula que, no decorrer de seus oitos anos de mandato, teria organizado essa fração *por cima das classes*.

Para sustentar sua tese, André Singer vale-se largamente de pesquisas eleitorais, ofício ao qual se dedica há mais de uma década. Opera aqui o conceito de *realinhamento eleitoral*. Nas eleições de 2002 e 2006, Lula teria obtido a mesma quantidade de votos. Ocorre que tal semelhança mascararia um importante realinhamento eleitoral: ao contrário de 2002 – e dos pleitos anteriores, como o de 1989 – em 2006 pela primeira vez o subproletariado vota em massa na candidatura Lula, ao passo que a classe média abandona-o, passando a votar em outros candidatos a partir de então.

Assim, amparando-se sobre o subproletariado, o lulismo teria jogado para o fundo da cena o conflito entre esquerda e direita para, em seu lugar, jogar luz sobre o conflito entre ricos e pobres. Explico: obviamente, esquerda e direita não cessaram de existir, pois não cessou o conflito de classes fundamental no capitalismo brasileiro. Ocorre que, sob o lulismo – diz André Singer –, o Estado teria passado a atuar como árbitro dos interesses de classe antagônicos que opõem capital e trabalho, buscando conciliá-los, ora agradando a uns, ora agradando a outros.

Daí porque vão para o fundo da cena esquerda e direita. Mas por que entram em cena pobres e ricos? Eis o ponto fundamental do livro. Segundo André Singer, existiria algo no lulismo para além da conciliação de interesses, da arbitragem entre burguesia e classe trabalhadora. André Singer é categórico ao afirmar que nesse jogo há um favorecido: “o projeto lulista não é o de resolver as contradições em favor de uma das coalizões, e sim mantê-las em relativo equilíbrio, cujo patamar é determinado pela necessidade de favorecer o *subproletariado*” (o destaque é meu).

No que consistiria esse favorecimento? André Singer é cauteloso. O que está em questão seria a queda da *pobreza monetária*. E com ela, a desigualdade. A primeira em passos largos; a segunda, muito devagar. Uma série de pesquisas e estudos confirmariam tais movimentos. Para tanto, concorrem todo um conjunto de medidas governamentais, não apenas o Bolsa Família, como comumente se pensa. O instrumento mais importante do combate à pobreza e à desigualdade seria a política de valorização do salário mínimo, acompanhada, evidentemente, do aumento do emprego formal e da empregabilidade em geral.

O traço conservador do lulismo residiria, então, não na conciliação em si mesma, nem no seu correspondente político (a política de alianças e a coalização com partidos conservadores), mas na lentidão do processo

de redução da pobreza e da desigualdade. Ou seja, sua longa duração. O “pacto conservador” giraria em torno desse elemento.

No entanto, esse processo, segundo André Singer, tende a produzir uma *mudança* estrutural na sociedade brasileira, a saber: a elevação do subproletariado à condição proletária e seu conseqüente desaparecimento como fração de classe. Nestes termos, não obstante contraditório, haveria no lulismo uma marca definida de igualitarismo. Mas André Singer vai além: para ele, pela força que desencadeou, o lulismo teria imposto uma agenda, um novo “marco regulatório” da política, da qual a oposição – caso vença a eleição presidencial – não poderia sair, a saber, a redução da pobreza. Tratar-se-ia de um processo que, embora lento, seria irreversível. Essa talvez seja a hipótese mais delicada.

Sem dúvida o capítulo “Será o lulismo um reformismo fraco?” é o mais instigante, pois é nele que André Singer procura traçar as principais tendências, sempre na forma de questões e hipóteses. A questão central do livro é ali posta nestes termos: “/.../ para o “velho” proletariado, os avanços do governo Lula no combate à pobreza também representam um poderoso atrativo, pois *vão no cerne do problema histórico da classe trabalhadora no Brasil. /.../* como está levando o subproletariado para dentro do proletariado, diminuindo o escopo do exército industrial de reserva, produzirá uma modificação estrutural, se tiver duração suficiente para isso, que ao fim e ao cabo legará uma massa trabalhadora compactada e não mais dividida em duas alas separadas” (os destaques são meus).

Certamente é polêmico, mas não há nada mais próximo do melhor da tradição marxista do pensamento brasileiro. Em 1981, Florestan Fernandes escrevera: “[a burguesia brasileira] teme a massa (dos pobres) e a classe (dos trabalhadores), mas possui um medo ainda maior da conjunção e união das duas entre si”.

Esse medo ainda persiste mesmo sob o signo do lulismo e seu pacto conservador da longa duração. De onde vem a resistência? Aqui, deve-se atentar para dois fatores: em primeiro lugar, a classe média – o suporte da massa da coalização rentista, da qual participa o capital financeiro, capitaneada politicamente pelo PSDB: “Se a cara do lulismo é a unidade subproletária ao redor do presidente, a coroa é a sua completa rejeição por parte da pequena burguesia, o estrato que por faixa de renda pertence à chamada classe média tradicional”; em segundo lugar, o próprio subproletariado. À medida que ascende, o subproletariado pode buscar saídas individualistas e conservadoras.

Eis o dilema. O igualitarismo presente no lulismo seria ele também contraditório, a começar pelo fato de que se trata de um igualitarismo sem

radicalização, sem confronto, não mobilizador, realizável apenas na longa duração – portanto, incerto na capacidade de realizar suas promessas. *Como tende a se comportar o subproletariado, à medida em que ascende, se no processo não há mobilização e se não envolve organização?* Ou seja, mais do que bom ou mau, o produto do lulismo seriam novas contradições, janelas históricas que podem ser bem aproveitadas ou não.

Claro que essa é uma questão em aberto, cujo desfecho não se pode prever, senão estipulando cenários mais prováveis e menos prováveis. De qualquer forma, por aqui se vê o quão estratégica é a complexa questão da desindustrialização, pois a consciência dos milhões em ascensão dependerá de sua localização no sistema produtivo – só para mencionar uma questão.

Nesse ponto, ousou sair das formulações presentes no livro para extrair dele uma conclusão de minha responsabilidade: contraditório, o lulismo estaria produzindo novas contradições para as quais ele próprio *parece* não estar preparado – ligadas ao esgotamento das possibilidades de conciliação de interesses. Tal fato deve ser visto com naturalidade, justamente porque o lulismo é expressão das velhas contradições.

Contudo, se ao perseguir o igualitarismo o lulismo produz novas contradições para as quais não está preparado, o sucesso deste igualitarismo *exige* do lulismo a capacidade de *autosuperar-se*, caso queira cumprir as promessas inscritas nele próprio – ou seja, caso queira realizar-se. Conseguirá? Adesistas e opositoristas discordarão, mas penso que *não se trata de algo dado a priori*. Depende da política. De qualquer modo, por aqui se vê que, ao falar de “lulismo”, não estamos diante de um conceito descritivo, posto apenas para justificar a estratégia do governo Lula; antes, trata-se de um conceito crítico.

E o PT, saberá lidar com este processo? Igualmente incerto. Segundo André Singer, a lógica a arbitragem teria sido absorvida pelo PT durante o primeiro mandato de Lula, sem, no entanto, neutralizar o espírito original do partido, contestador da ordem. No interior do partido, conciliação e enfrentamento viveriam sob tensão: “convivem lado a lado, como se um quisesse desconhecer a existência do outro”. Uma convivência que, segundo André Singer, “leva a paradoxos”.

*Os Sentidos do Lulismo* é um livro rico, e, dada a riqueza de questões que seu autor desenvolve, inevitavelmente muitos pontos importantes ficaram de fora dessa resenha.

Além dos méritos já citados, *Os Sentidos do Lulismo* possui um outro mérito: a rara capacidade de combinar análise objetiva da realidade, ou o esforço de olhar para a realidade com distanciamento, tendo como

objetivo pura e simplesmente entender, e um sentido de engajamento, um tom militante e uma clara tomada de posição: *como enfrentar o problema da enorme desigualdade existente no Brasil?* – eis a “contradição fundamental” do Brasil. Tal é o sentido das reflexões de André Singer, explicitamente acentuadas não apenas no livro, como também em artigos e entrevistas.

Não surpreende. André Singer é cientista político, professor universitário e, ao mesmo tempo, jornalista e militante do PT. Chama a atenção o desprendimento com que o livro foi escrito. Tendo ocupado posto elevado no Palácio do Planalto no difícil primeiro mandato de Lula, André Singer lançou-se à tarefa de jogar um olhar *crítico* – no melhor sentido do termo – sobre este mesmo governo, não para defendê-lo, elogiá-lo ou glorificá-lo, mas para criticá-lo.

Os clássicos só são clássicos porque preenchem com agudez a dialética entre presente e passado, situando seu próprio tempo nos impasses históricos de nosso país, para daí extrair as latentes tendências históricas inscritas no tempo presente. *Os Sentidos do Lulismo* é um destes raros trabalhos. Basta lê-lo com atenção, que se atestará. Daí porque merece figurar ao lado dos clássicos do pensamento brasileiro. E como todos os clássicos, não pode ser ignorado.

